

A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA ESCOLA

VANESSA NASCIMENTO DE LUCENA

Graduação em Pedagogia (2015) pela Faculdade São Paulo; Graduação em História (2015) pela Faculdade Sumaré; Graduação em Letras (2019) pela Faculdade Centro Universitário de Jales; Pós-graduação em Contação de História e Musicalidade (2020) Faculdade XV de Agosto; Professora na Prefeitura Municipal de São Paulo.



RESUMO

Esse artigo procura refletir a respeito da importância da família na escola. A participação das famílias na educação de seus filhos passou por diferentes períodos, desde a não participação ou participação ocasional até o envolvimento ativo. Isso foi possível graças aos avanços nos centros educacionais, tanto no nível gerencial quanto organizacional, bem como nas mudanças de atitudes envolvidas. Atualmente, as escolas procuram desenvolver novas formas de fazer e ser para responder aos desafios da educação para todos. As mudanças ocorrem quando a participação e o comprometimento de todos que são parte importante do processo. Nesse processo de transformação, se deve enfatizar que a família é um recurso vivo que precisa se sentir acolhida, levantada no relato e que faz parte da educação de seus filhos. A família é essencial em todos os momentos do processo. Um aspecto que favorece a convivência entre escola e família é uma instituição escolar aberta à comunidade, na qual prevalece a colaboração. O funcionamento efetivo, portanto, requer a participação de todos os membros da comunidade escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Funcionamento; Mudanças; Participação.

INTRODUÇÃO

Ao acreditar que a família participa da escola, deve-se notar que ela passou por diferentes fases. Na primeira fase, a participação era escassa, mantendo a família e a escola afrontadas (ou seja, a educação não era obrigatória e segregada). Mais tarde, na década de 1980, houve um período em que a família sentiu-se cliente dos serviços educacionais, o que passou a demandar serviços para atender suas necessidades sob esse ponto de vista.

A participação da família na escola em alguns casos continua sendo pontual, interessada e ocasional, mas tem aumentado nos últimos anos com participação ativa no processo educacional, por meio de pais interessados na gestão das escolas, envolvidos nas decisões e preocupados com a educação de seus filhos.

Os laços afetivos, estruturados e consolidados tanto na escola como na família permitem que os indivíduos lidem com conflitos, aproximações e situações oriundas destes vínculos, aprendendo a resolver os problemas de maneira conjunta ou separada. (DESSEN; POLO-NIA, 2007, p. 27).

Nos encontramos, desde os anos 90, uma fase de cooperação, participação e envolvimento das famílias. Para formar cidadãos do século XXI, pessoas autônomas e responsáveis que trabalham por uma sociedade mais justa e inclusiva, o papel da família tem que passar de um papel de cliente para um papel de pessoas envolvidas e comprometidas com a concepção de uma escola para todos, na qual profissionais, famílias e comunidades, juntamente com os alunos colaboram em sua organização, gestão e desenvolvimento.

O envolvimento das famílias depende também dos centros educativos, pois as escolas devem envolver a família para que se sintam parte do processo educativo, incentivando a sua participação ativa.

Existem variáveis que ajudam ou dificultam a participação da família na escola, como, entre outras: políticas, crenças, percepções dos professores (famílias, educação e escola), programas, cultura, liderança, interesse, fatores sociais, barreiras de comunicação ou experiências negativas. Todos eles devem ser trazidos à tona nas propostas de participação, colaboração e envolvimento das famílias nos centros educacionais. A participação pode ser individual, principalmente por meio de reuniões e tutoriais; e coletivamente, através de associações de pais e mestres, entre outros.

A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA COMO REQUISITO ESSENCIAL PARA UMA ESCOLA INCLUSIVA

Encontrar uma escola inclusiva passa inevitavelmente por encontrar uma relação ativa e positiva entre todos os agentes envolvidos no processo educativo, ou que implique desenvolver em conjunto o que seja melhor para a formação do aluno e em conjunto determinar qual a educação que se pretende e por onde caminhar. Esse caminho leva a uma educação inclusiva da qual todos participem, transformando a escola com base nos princípios da normalização e da igualdade de oportunidades, na qual o respeito à diversidade se faça presente como valor e princípio de ação.

A inclusão como prática educativa é recente em nossa sociedade, as práticas anteriores de educação, como a exclusão, a segregação institucional e a integração de pessoas com necessidades especiais, vêm dando espaço, gradativamente, à inclusão. Como o objetivo da educação inclusiva é uma sociedade para todos, sua prática repousa em princípios até então considerados incomuns, tais como: a aceitação das diferenças individuais, a valorização de cada pessoa, a convivência dentro da diversidade humana, a aprendizagem através da cooperação (SASSAKI, 1999, p. 42).

Sabe-se que não é uma tarefa fácil, mas é muito mais fácil conseguir bons resultados, alcançar a inclusão plena e melhorar a qualidade de vida de alunos que remam todos na mesma direção: família, escola e comunidade. Falar sobre essa relação no século XXI significa falar sobre qualidade educacional e educação inclusiva.

O Marco de Ação da Declaração de Salamanca (1994) diz que “as relações de cooperação e apoio devem ser fortalecidas entre gestores escolares, professores e o pais” e “estes devem par-

ticipar na tomada de decisões, nas atividades educativas em casa e na escola, apoiando a aprendizagem de seus filhos.

A escola não é o único contexto educacional, pois a família, a mídia e a sociedade em geral desempenham um papel importante no processo educacional. A família, como qualquer outro agente, tem um papel fundamental no desenvolvimento das crianças e dos jovens. Ninguém pode ou deve ser responsável pela sua educação de forma exclusiva ou isolada, todos devem analisar e determinar qual o seu papel no processo educativo, de forma a contribuir para o desenvolvimento integral dos alunos, proporcionando uma resposta educativa de qualidade. Uma sociedade e uma escola evoluem, mas não só elas, a família também sofre mudanças substanciais: de uma configuração patriarcal ou matriarcal para uma família nuclear.

Um dos objetivos mais proeminentes das políticas educacionais em alguns países ocidentais nos últimos anos tem sido envolver as famílias no contexto escolar.

Para alcançar uma educação de qualidade e formar cidadãos comprometidos com o século XXI, é necessária a participação de professores, alunos, famílias e comunidades. A legislação internacional e nacional sustenta que a satisfação das necessidades educativas especiais dos alunos que as apresentam, na perspectiva da educação inclusiva, é obrigação de toda a comunidade educativa, sendo essencial a participação ativa de ambos em todo o processo de detecção, identificação, avaliação e resposta educativa a estes alunos.

Cabe às famílias a participação na elaboração e revisão do Projeto Educativo, documento fundamental para centros educacionais baseado no princípio da inclusão, que inclui: as características do ambiente cultural e social da escola, valores, os objetivos e as prioridades da ação resposta educativa de qualidade para todos.

Uma forma de compreender a participação familiar é como um recurso para melhorar os processos e resultados educacionais. Outra é por meio de programas que envolvam a família e diminuam as dificuldades que possam surgir nesta relação, dificuldades derivadas da cultura, crescimento, falta de confiança nos professores, rivalidade, diversidade e singularidade das famílias, diversidade de propostas e atividades ou do tipo de escola.

Não se deve ignorar que cada contexto escolar e social tem características próprias, por isso é necessário conceber projetos e/ou atividades inovadoras que permitam que famílias, escolas e comunidades trabalhem em conjunto, gerando relações de qualidade, nas quais prevaleçam a confiança e a comunicação, o respeito, o tempo compartilhado, apoio e treinamento recebido e recursos da comunidade. Por isso, é importante conhecer as necessidades da escola.

RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA

Dentro dos novos desafios que surgem nas escolas e como uma antiga demanda de pesquisadores e professores, a relação família-escola torna-se cada vez mais necessária para abordar a educação em todas as frentes. Assim, essa relação tem se tornado mais presente na literatura de

pesquisa nos últimos tempos.

Família e Escola são referência essencial para a incorporação de um novo ser humano na sociedade; além disso, este quadro está à mercê das vicissitudes impostas pelas diversas transformações que ambas as instituições devem assumir se quiserem responder à sua tarefa educativa e socializadora.

Como as mudanças na sociedade atual são rápidas e profundas, os sujeitos não estão preparados para se adaptar a elas em vários níveis: biológico, psicológico e social. A crescente complexidade que a caracteriza exige uma nova visão educativa da família e da escola, ou que exige um compromisso de trabalhar em conjunto num projeto comum.

Weber (2007) propõe quatro padrões de interação entre pais e filhos:

O estilo autoritário, o estilo permissivo, o estilo negligente, e o estilo participativo. O estilo autoritário se caracteriza por pais altamente exigentes, impõem regras e limites rígidos e inflexíveis, com o objetivo de conseguirem obediência e controle. Os negligentes são aqueles que permitem tudo a seus filhos, mas não possuem papel de educadores, estabelecem poucos limites e oferece pouco afeto e com seus filhos desenvolvem baixo desempenho, e uma maior probabilidade de depressão, pessimismo, baixa auto-estima e estresse. Por fim, o estilo mais adequado que é o participativo, que se caracteriza por pais com alto nível de exigência, porém, estão sempre acessíveis para conversas e trocas. Este estilo de pais impõe bastantes limites, contudo, compensam com muito afeto. (WEBER, 2007, p. 21).

Os avanços científicos e tecnológicos levaram à mudanças muito rápidas. Continua a um ritmo vertiginoso, não nos permitindo interiorizar e adaptar-se às novas exigências que estas transformações impõem ao mundo da cultura, muito mais lento na sua evolução.

Essas mudanças, que afetam a educação familiar, estão localizadas em dois níveis: interno e externo:

1. Interno. Uma família precisa de uma referência para orientar, orientar e educar seus filhos, que estão imersos em um mundo em fluxo, cuja instabilidade e incerteza alimentam a insegurança no meio, encontram-se confusos, crenças antigas, valores vividos, enfim, a educação recebida não serve para educar sua geração atual.

2. Externo. A família se encontra em meio a contrastes diante de dois que se sentem sobrecarregados e se perguntam como responder às demandas de seus filhos que estão fora de dois esquemas de suas próprias vivências e vivências.

Nesse contexto, a família se mostra turbulenta, perdendo seus antigos pontos de apoio, os grandes pilares que sustentam suas crenças e fundamentos, os pais atribuídos aos diferentes membros da família desmoronando, por exemplo: ou a figura do homem, não do pai, não representar autoridade como pilar de força e poder; Para as mulheres, na figura da mãe, não representa o amor como pilar da submissão e abnegação e da sexualidade, não representa o puro e misterioso como pilar da reprodução... Essa situação nos impede de conhecer por meio de orientações educativas que respondem às necessidades atuais de seus filhos.

No passado as fronteiras entre as famílias e a escola eram fixadas pela instituição escolar e pelos mestres. Os profissionais da educação consideravam que os pais não tinham nenhuma autoridade em matéria de ensino e nenhum lugar na escola. Esperava-se que os pais apoiassem os docentes ou trouxessem contribuições pontuais, mas eles não deveriam colocar questões em matérias de pedagogia e, menos ainda, fazer críticas). (NOGUEIRA, 2006. p. 164)

Em suma, a família busca novos pilares para estabelecer uma nova identidade.

Em outra perspectiva, a escola também se encontra em situação semelhante. Os velhos pais educativos não servem para educar os filhos. À mercê de dois desabafos de autoritarismo de ontem e permissividade de hoje, às vezes ele sai como as coisas vão... porque não sabe o que fazer. Encerrada em uma burocracia sufocante, é difícil para ela viver o senso de comunidade que os documentos que abraçam os novos valores democráticos de sua demanda. Sentimos a pressão das demandas que vão além de sua função tradicional de transmitir conhecimento e não nos sentimos preparados para enfrentá-las.

Ou que a família e a escola podem fazer nessa situação? Simplesmente, aliando-se e embarcando juntos em um caminho que lhes permita criar uma nova concepção de educação, na perspectiva de uma comunidade real onde o verdadeiro protagonista é a criança. Este objetivo requer a elaboração de um projeto educativo comum entre família e escola.

Que? Analisando e refletindo sobre a realidade sócio - histórica em que estão imersos e procurando responder ao tipo de educação que pretendemos dar às novas gerações e ao tipo de homem que pretendemos formar, bem como os meios e instrumentos que temos de usar para alcançá-lo. Essa análise implica levar em conta alguns contrastes na sociedade atual.

CONTRASTE DA SOCIEDADE

Estão ocorrendo mudanças substanciais na família e na escola relacionadas aos pais que atuam na educação, que são os grandes contrastes influenciados pelas Novas Tecnologias da Comunicação, de difícil abordagem, que caracterizam esta sociedade e configuram um estilo de vida e valores, o que:

- O vizinho do quarteirão é um estranho em que não se estabelece qualquer comunicação, mas mantemos relações com pessoas e países remotos por e-mail, internet ou videoconferência.
- Algumas autonomias territoriais são fortemente defendidas e buscam-se estratégias de ação conjunta e global, não no âmbito internacional.
- Alguns países desenvolvidos têm uma alta taxa de desemprego, portanto, utilizam mão de obra barata fornecida por imigrantes, mas não estão integradas à sua cultura.
- As pequenas infrações são penalizadas e as grandes corrupções são justificadas.
- Esforço, perseverança e trabalho são desvalorizados, assim que um sucesso fácil é recompensado, etc.

O centro desses contrastes encontra-se na mídia como uma lanterna que ilumina a vida cotidiana, um centro em torno do qual giram a vida familiar e escolar e seus acontecimentos. Para que os recursos audiovisuais e tecnológicos: televisão, videogames, internet, etc., cheguem a duas cidades e modelem uma nova forma de conceber o mundo e seus valores. A medida que a função educativa da autoridade parental é eclipsada, a educação televisiva vive um boom crescente, oferecendo sem esforço ou discriminação vergonhosa ou um produto exemplar que antes era fabricado por ofícios hierárquicos familiares.

Que conclusões podem ser tiradas expostas? As crianças são bombardeadas de diferentes lados por uma grande quantidade de informações, às vezes contraditórias, que formam uma realidade caleidoscópica, dando origem à necessidade iminente de educação por parte dos pais e professores para ajudá-los a discriminar esse acúmulo de informações e orientar e orientar suas experiências diárias. Que?

Tomando como referência a inestimável contribuição do Relatório da UNESCO da Comissão Internacional de Educação para o Século XXI, presidida por Jacques Delors, que fundamenta a educação para o futuro em quatro pilares fundamentais: aprender a conhecer, aprender a ser, aprender a fazer e aprendendo a viver em comunidade.

Aprender a conhecer: é preciso colocar as crianças em contato com o saber, entrelaçado com a história e a cultura, que se organiza nos conteúdos curriculares e aprendido na escola, mas também com o mundo que está próximo por meio de suas relações com a família, ajudando a analisar essa realidade por meio de estratégias construtivas de aprendizagem.

Transmite à família conhecimentos que escapam ao âmbito da história familiar e conferem uma série de características diferenciais resultantes das experiências das gerações anteriores. Nesse sentido, é importante criar em casa trocas e comunicações sobre a história de dois passados, tios e tios, bem como anedotas e acontecimentos ocorridos na biografia familiar, que permitam à criança tomar consciência de sua origem e conhecer a sua filiação e ajudá-los a tomar consciência da sua identidade pessoal, familiar e social.

Assim, a criança estrutura um tempo e um espaço tanto na esfera pessoal quanto na esfera histórica, o que ajuda a se conscientizar como sujeito individual e social. A construção do autoconceito de um sujeito gira em torno de duas coisas: tempo e espaço.

Aprenda a ser: Para isso, homens e mulheres precisam aprender a ser em dois aspectos: 1) social: como membro de um grupo social, de uma cultura, que podemos relacionar com “aprender a conhecer”, e 2) individual: como ser único e diferentes, descobrindo sua interioridade, suas possibilidades e limitações, sua realidade pessoal imersa em uma realidade social, sobre a qual desenvolver seu projeto de vida.

Para aprender a ser ela mesma, a criança descobre suas peculiaridades e quer ser igual aos membros de sua família. A identidade pessoal é adquirida através de um duplo processo de auto-descoberta e diferenciação dos outros. Dei importância a dois primeiros contatos familiares para realçar a realidade do seu ser individual e pessoal. A criança aprende a se sentir amada, valorizada, descobrindo que é digna de ser amada.

Aprenda a fazer: Uma criança aprende a desenvolver habilidades e habilidades, observando, experimentando e descobrindo todos os objetos que encontra ao seu redor. Uma criança aprende a fazer como os que lhe estão mais próximos, na realidade quotidiana da escola, quando lhe é permitido manipular, associar e estabelecer relações entre os vários elementos, devemos permitir-lhe aprender a fazer. A criatividade como capacidade criativa, que permite a abertura para novas fronteiras, é estimulada ou estimula as crianças a investigar, descobrir, explorar, experimentar, e a família e a escola podem participar nesta tarefa, através de estratégias inovadoras de trabalho comum.

Aprenda a viver em comunidade: Promover uma educação para a vida comunitária, a partir do nível familiar, é essencial para que as crianças aprendam a exercer a participação, a cooperação ou o diálogo e tomem decisões consensuais para compartilhar ou conhecer a vida, para que posteriormente possam transferir esses aprendizados para outros contextos.

FAMÍLIA E ESCOLA: EDUCAR PARA VIVER NA COMUNIDADE

O que significa o termo comunidade? Nas palavras de Barcena, Fernando. (1997, p. 112), no sentido abstrato, refere-se ao que pertence a todos os membros de um grupo ou comunidade, refere-se a uma comunidade de bem, sentimentos e origem. Pode assumir múltiplas formas e referir-se à comunidade familiar, à comunidade escolar ou mesmo à comunidade económica europeia. É um conceito que, na atualidade, é de grande importância no campo da Sociologia e da Filosofia Moral e Política contemporânea.

É dever da Família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. (BRASIL: LDB, 1996)

A família como primeiro ambiente educacional precisa refletir sobre suas diretrizes educativas e se conscientizar de seu papel na educação de seus filhos. A complexidade da realidade atual escapa e afeta a vida da criança, levando a problemas escolares e familiares que surgem diariamente: desinteresse, desmotivação, dependência, baixo rendimento, insucesso escolar, violência, etc., que não podem ser atribuídos a eles na sociedade em abstrato, para a família, para a escola ou para os alunos, independentemente como “compartimentos de tanques”, mais a interação de todos eles é o que fomenta essa situação.

Há necessidade de formação específica neste novo campo de trabalho pedagógico, para a família, para que qualquer intervenção que se pretenda realizar tenha uma visão global do seu contexto.

A criança inicia seu percurso educativo na família que complementa a escola. Portanto, família e escola são dois contextos próximos na vivência cotidiana das crianças, ou que exige um esforço comum para criar espaços de comunicação e participação de forma coerente com essa vivência cotidiana. Por seus esforços, justifica-se em suas finalidades educativas voltadas ao crescimento biológico, psicológico, social, ético e moral das crianças, em suma, ou ao desenvolvimento integral de sua personalidade.

O desenvolvimento de personalidades saudáveis e equilibradas dependerá da coordenação

e harmonia entre família e escola, cujo comportamento influenciará as interações sociais subsequentes e a convivência em grupo, ou que criará um novo estilo de vida.

É urgente que ambas as instituições considerem as crianças como o verdadeiro protagonista do seu trabalho educativo como um objetivo prioritário.

O verdadeiro desafio é aprender a ser e aprender a viver em comunidade, é preciso possibilitar espaços de comunicação e trocas que estimulem a participação e levem compromissos que enriqueçam a vida pessoal e coletiva dos envolvidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A família desempenha um papel importante nesse sentido, mas é necessário ajudá-los a se conscientizar sobre isso. À medida que a sociedade atual muda, devemos enfrentá-la para uma estrutura participativa e comprometida, para que cada um de seus membros desempenhe sua função e tenha consciência de sua identidade individual como membro daquela comunidade.

A escola está localizada no segundo espaço, de vital importância, na vida das crianças. Entre seus objetivos está: estimular a participação, cooperação e colaboração entre os alunos. Consequentemente, colocar em prática dois valores comunitários e democráticos que se pretendem na família e na escola, faria parte das vivências dos alunos, das áreas em que convivem diariamente, configurando sua identidade e o conceito que adquirem de si mesmos.

Em uma sociedade como a nossa, a família e a escola devem ter clareza sobre seus pais e promover a vida em comunidade, como base de toda experiência social subsequente.

A experiência inicial na família de formas de comunicação baseadas no diálogo e no consenso apoiará atitudes democráticas de participação, colaboração e cooperação.

Em suma, é essencial que pais e professores concordem sobre como tornar efetiva a participação da família na escola, para que suas relações se tornem mutuamente úteis e enfrentemos os desafios apresentados por este mundo em mudança, que terá um impacto positivo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB n.º 9.394/96. Congresso Nacional. Brasília/DF. 1996.

DESSEN, Maria Auxiliadora and Polonia, Ana da Costa. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. Paidéia (Ribeirão Preto), Abr 2007, v.17, no.36, p.21-32.

NOGUEIRA, Maria Alice. **Relação Família/Escola e o Desempenho Escolar**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos**. 3.ed. Rio de Janeiro: WVA, 1999.

WEBER, Lúcia. **Eduque com carinho: equilíbrio entre amor e limites**. Curitiba: Juruá, 2007.